



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ELANE MARTINS DE ARAÚJO

**A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA SALA DE AULA A PARTIR DA
LITERATURA INFANTOJUVENIL: UMA LEITURA DOS POEMAS DE TATIANA
BELINKY E EMICIDA**

**GUARABIRA/PB
2021**

ELANE MARTINS DE ARAÚJO

**A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA SALA DE AULA A PARTIR DA
LITERATURA INFANTOJUVENIL: UMA LEITURA DOS POEMAS DE TATIANA
BELINKY E EMICIDA**

Monografia apresentada à coordenação do curso de Especialização em Educação Étnico- Racial na Educação Infantil, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para à obtenção do título de especialista em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil

Orientador: Prof^o Me. Felipe Pereira da Silva.

**GUARABIRA/PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A234d Araújo, Elane Martins de.

A diversidade étnico-racial na sala de aula a partir da literatura infantojuvenil [manuscrito] : uma leitura dos poemas de Tatiana Belinky e Emicida / Elane Martins de Araújo. - 2021. 44 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Felipe Pereira da Silva. , Departamento de Letras e Educação - CH."

1. Literatura infantojuvenil. 2. Diversidade étnico-racial. 3. Poesia. 4. Educação antirracista. I. Título

21. ed. CDD 372.24

ELANE MARTINS DE ARAÚJO

**A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA SALA DE AULA A PARTIR DA
LITERATURA INFANTOJUVENIL: UMA LEITURA DOS POEMAS DE TATIANA
BELINKY E EMICIDA**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, orientada pelo Prof^o Me. Felipe Pereira da Silva.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. FELIPE PEREIRA DA SILVA
(SEMEC - Cuitegi-PB)
ORIENTADOR



Prof.^a Me. MARIA APARECIDA NASCIMENTO DE ALMEIDA
(SEECT-PB)
EXAMINADOR (A)



Prof.^a Me. OLAVO BARRETO DE SOUZA
(PPGLI/UEPB)
EXAMINADOR (A)

GUARABIRA, 18 DE JUNHO DE 2021

Dedico aos meus pais João e Maria que me ensinaram a ter persistência e a minha filha Maitê Luz que me enche de força para viver e ser um ser humano melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus. O que seria de mim, sem a fé direcionada a Ele?

À Nossa Senhora do Perpétuo Socorro quem invoco sempre na hora da angústia para que interceda por mim a Jesus.

Ao meu esposo Francisco, pela paciência e apoio nas minhas conquistas.

Às minhas amigas e ao meu amigo por toda a dedicação e incentivo no meu processo de escrita, em especial Fernanda, Rafaela e Geraldo.

Ao professor e orientador Felipe Pereira da Silva pela dedicação, solicitude e carinho com que conduziu a minha escrita nesse trabalho.

Agradeço também aos professores examinadores Maria Aparecida Nascimento de Almeida, nossa querida Cidinha, e ao professor Olavo Barreto de Souza, pelas valorosas contribuições com este trabalho.

Agradeço, ainda, a todos (as) os (as) meus (minhas) professores (as) dessa especialização, por partilharem conhecimento que muito contribui para minha formação como professora e pessoa.

Qualquer conquista dos povos dominados ou subalternizados, mesmo que pareça vir de cima para baixo, não vem. É fruto de longa data, de várias ações.

Conceição Evaristo.

RESUMO

A literatura é uma expressão artística que estão disponíveis em nossa sociedade e cultura. Dessa forma, estudando, lendo e pesquisando sobre a questão da “literatura para a diversidade étnico-racial no Brasil”, percebemos que ainda há carência conhecimento e de informação sobre o tema, principalmente quando a personagem principal é a criança negra. Este trabalho tem como principal objetivo promover uma reflexão e um esclarecimento sobre as diversidade étnico-racial brasileira na sala de aula e de que maneira a literatura infantojuvenil corrobora para a construção de uma educação antirracista. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica em que nos debruçamos sobre os estudos teóricos de Coelho (1982 e 2000), Cunha (1987) e Cruz (2012) que abordam a temática da literatura infantil e suas contribuições na formação da criança e Ribeiro (2019), dentre outros, que discorrem sobre a necessidade de construção de uma educação antirracista. A técnica de análise adotada foi a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) utilizando duas obras de literatura infantojuvenil: *Diversidade* de Tatiana Belinky (2018) e *Amoras de Emicida* (2018). Com a realização da pesquisa, chegamos à conclusão de que a literatura infantojuvenil atrelada ao fazer docente é uma aliada construção de uma educação democrática e antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantojuvenil, Diversidade étnico-racial, Poesia, Educação antirracista.

ABSTRACT

It Literature is an artistic expression that brings rigid symbolic forms available in our society and culture. Thus, studying, reading and researching the issue of “literature for ethnic-racial diversity in Brazil”, we realize that there is still a lack of knowledge and information on the subject, especially when the main character is the black child. The main goal of this work is to promote a reflection and clarification on the Brazilian ethnic-racial diversity in the classroom and how the children's literature supports the construction of an anti-racist education. Therefore, we carried out a bibliographical research in which we focused on the theoretical studies of Coelho (1982 and 2000), Cunha (1987) and Cruz (2012), that address the theme of children's literature and its contributions to the formation of children) and the positions on the black literature of Bernd (1988), among others. Ribeiro (2019), who discuss the need to build an anti-racist education. The analysis technique adopted has been the content analysis proposed by Bardin (1977), using two works of children's literature: Tatiana Belinky's Diversity (2018) and Amoras de Emicida (2018). With the research, we came to the conclusion that children's literature linked to teaching is a ally in the construction of a democratic and anti-racist education.

KEYWORDS: Children's Literature. Ethnic-Racial Diversity. Poetry. Anti-Racist Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro Diversidade, de Tatiana Belinky	p.35
Figura 2: Capa do livro Amoras, de Emicida.....	p.37

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Síntese das obras.....	p.34
----------------------------------	------

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	12
2. A LITERATURA INFANTOJUVENIL: BREVE RECORTE HISTÓRICO	15
2.1 Literatura e infância.....	15
2.2 A literatura infantil e infantojuvenil brasileira.....	18
2.3 A negritude e a literatura infantojuvenil.....	20
2.4 Monteiro Lobato o divisor de águas na literatura infantil e infanto-juvenil brasileira.....	22
3. A LEI 10.639/03 E A VISIBILIDADE DO NEGRO NO CURRÍCULO ESCOLAR	24
3.1 As relações étnico-raciais na educação do Brasil.....	26
3.2 A literatura infantojuvenil e a diversidade étnico- racial na educação brasileira.....	28
3.3 O papel do docente na mediação do trabalho com literatura infantojuvenil na perspectiva étnico-racial.....	29
3.4 A literatura afro-brasileira: a opção do escritor ser negro com os negros.....	30
4.ANÁLISE DOS POEMAS DIVERSIDADE DE TATIANA BELINKY E AMORAS DE EMICIDA.	31
4.1 Síntese das obras.....	32
4.2 Diversidade de Tatiana Belinky: valorização e respeito	33
4.3Amoras de Emicida: a poesia afirmativa da identidade negra.....	35
4.4 Diversidade e Amoras, proposição didática para relações étnico- raciais no espaço escolar.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

A escola é, sem dúvida, um espaço em que a criança passa a maior parte de seu tempo, portanto, é natural que nela ocorra, não só o contato com a literatura infantojuvenil, mas a naturalizar o lugar ocupado pela diversidade étnico-racial na sala de aula pelos professores e professoras, como defende Rocha (2010) *apud* Zilberman (2003, p. 16) ao lembrar que “a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como, um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada”.

Com tal afirmação, não queremos impor ou sugerir uma escolarização da literatura, mas apontá-la como aliada na inclusão da discussão de alguns temas, considerados necessários pela sociedade em que vivemos tais como, as questões de preconceito e racismo, tão discutidos na atualidade por todas as mídias.

Esse trabalho de conclusão de curso – TCC – aborda o tema das relações entre a literatura infantojuvenil e a diversidade nas relações étnico-raciais, tendo como base a publicação da Lei n. 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar da Educação Básica e a aprovação subsequente de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais em Educação e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana no currículo do Ensino Básico, em julho de 2004.

A escolha pelo tema se deu a partir de nossa vivência no ambiente escolar, enquanto professora e pedagoga sentimos nas múltiplas vivências a necessidade de trabalhar a temática na sala de aula como forma de construir uma ambiência antirracista. Entendemos que a escola não é o ambiente em que o racismo inicia, bem como que, crianças não são racistas, no entanto, as opiniões são formadas a partir do ambiente em que elas estão situadas e das interações delas com o meio e com os seus pares, assim como dos referenciais a que têm acesso.

Acreditamos que esse trabalho venha contribuir com a discussão sobre a temática literatura Infantojuvenil e diversidade étnico-racial ganha uma função emergencial diante da realidade da criança negra brasileira, torna-se relevante investigar, entender e discutir os assuntos relacionados à temática para que todas as crianças independente de sua etnia se sintam representadas dentro e fora do espaço escolar.

Assim, a elaboração desse trabalho está vinculado à consideração de que a literatura infantojuvenil é um componente considerável do trabalho do professor em combate ao racismo e as práticas discriminatórias que acontecem na escola e fora dela. Para tanto, o trabalho se encontra dividido em quatro capítulos. No segundo, intitulado, A LITERATURA INFANTOJUVENIL: BREVE RECORTE HISTÓRICO, apresentamos um breve percurso histórico do gênero literário destinado a crianças e jovens desde a sua origem nos contos de fadas presentes na tradição oral até a sua relação com o homem, o mundo e a realidade e a sua expressão e representação simbólica.

Com essa discussão buscamos responder a alguns questionamentos tais como: Qual a relação da literatura infantil com o conceito de infância? Como se deu a construção desse gênero no cenário literário brasileiro? Como se dava a representação do negro nesse gênero literário? Qual a contribuição de Monteiro Lobato para a constituição do gênero literatura infantojuvenil brasileira? Afim de apresentar respostas para esses questionamentos, dialogamos com diversos pesquisadores, tais como: Cadermatori (2010), Coutinho (2000), Coelho (2000), Cunha (1987), Cunha, Gondim e Dias (2006), Lajolo (2000), Moreti (2009) e Souza (2016).

Após esse breve percurso histórico agregado a reflexão sobre como a influência do pensamento eurocêntrico contribuiu para a forma de representação do negro nessa literatura, nos dedicamos ao terceiro capítulo, intitulado A LEI 10.639/03 E A VISIBILIDADE DO NEGRO NO CURRÍCULO ESCOLAR. Aqui nos dedicamos a refletir sobre a contribuição da promulgação da Lei para a construção de uma consciência crítica na escola, bem como sobre os desafios enfrentados pelos professores e professoras na implementação da referida lei. Esse capítulo apresenta quatro subtópicos, 3.1 As relações étnico-raciais na educação do Brasil; 3.2 A literatura infanto-juvenil e a diversidade étnico-racial na educação brasileira; 3.3 O papel do docente na mediação do trabalho com a literatura infanto-juvenil na perspectiva étnico-racial e 3.4 A literatura afro-brasileira: a opção do autor ser negro com os negros.

Este capítulo foi construído em torno de algumas indagações: Como a lei 10.639/03 abriu espaço para a o protagonismo negro na literatura infantojuvenil brasileira? Como se dá a relação entre esse gênero literário e as questões raciais na educação? Como os professores e professoras podem fazer uso dessa literatura

como aliada no combate ao racismo e na construção de uma educação antirracista? Como o olhar do autor negro faz a diferença na representação da personagem?

Para responder a essas indagações, recorreremos aos estudos de Alcatraz e Marques (2016), Bernd (1988), Cruz (2005), Damasceno (1988), Dias (2012), Fritzen (2007), Ribeiro (2019), Silva (2011), Pontes (2019), bem como às Diretrizes e dispositivos legais publicados pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura-, como os PCNs (1997).

No quarto capítulo, cujo título é ANÁLISE DOS POEMAS DIVERSIDADE DE TATIANA BELINKY E AMORAS DE EMICIDA, apresentamos os subtópicos, 4.1 Diversidade de Tatiana Belinky: valorização e respeito; 4.2 Amoras de Emicida: a poesia afirmativa da identidade negra e 4.3 Diversidade e Amoras, proposição didática para as relações étnico-raciais no espaço escolar. Nesta seção destacamos como as produções literárias que compõem o *corpus* desse trabalho contribuem com a desconstrução de estereótipos negativos historicamente construídos em torno da pessoa negra.

De forma que as perguntas de pesquisa que norteiam as reflexões são: Como o texto Diversidade de Tatiana Belinky aborda as questões étnico-raciais e o respeito às diferenças? De que forma a identidade negra é afirmada no texto Amoras, de Emicida? Como o trabalho com os textos Diversidade de Tatiana Belinky e Amoras de Emicida podem ser usados como aliados na construção de uma educação antirracista?

Para responder a essas indagações, ressaltamos a importância do movimento negro e da militância de escritores e demais artistas na formação de uma consciência, e evocamos as considerações de Antunes (2005), Rocha (2016) e Silva (2019). Para a proposta pedagógica, levamos em consideração as orientações contidas na BNCC (2018).

Assim, percebemos a importância do trabalho literário voltado para diversidade, principalmente no espaço escolar, cada vez mais há impactos sociais causados pela falta de respeito com as diferenças do outro, por isso compreender de forma prazerosa o que é diversidade colabora para um bom convívio escolar e na sociedade.

CAPÍTULO II

2 A LITERATURA INFANTOJUVENIL: BREVE RECORTE HISTÓRICO

A literatura infantojuvenil, como toda a literatura é arte. É a expressão e representação do homem, do mundo, da vida e da realidade. Assim como o público a que se destina ela é movimento e criatividade.

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (COUTINHO, 2000, p. 52).

A literatura é uma produção humana, talvez a mais importante das produções humanas, pois ela está ligada à formação do ser, uma vez que, a sua matéria-prima é a palavra, os pensamentos e as ideias, elementos que definem e especificam o ser humano, distinguindo-o de outros animais (CADERMATORI, 2010).

Para compreendermos melhor como se deu a evolução da literatura infantil no decorrer do tempo, precisamos compreender o conceito de infância e a sua relação com esse gênero da literatura.

2.1 Literatura e infância

No que se refere à literatura infantil, podemos afirmar que ela é bem recente. Surgiu de uma necessidade da família burguesa que é fruto do enfraquecimento das grandes propriedades e da aristocracia fundiária que, por sua vez, gerou uma transformação na forma tradicional de enxergar a infância. Essa revolução na forma de pensar e viver promoveu, ainda, a reorganização da escola, que se tornou obrigatória e mais democrática, isto é, aberta a todas as classes sociais (ROSEMBERG, 1989).

Assim,

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 1987, p. 19).

Existe uma relação muito próxima entre a literatura infantil e a educação das crianças justamente por ela ter surgido sob esse viés da necessidade de educar as gerações mais novas sob os valores e costumes dos mais antigos.

Até o século XVIII não havia uma preocupação com uma literatura para a criança. O adjetivo infantil não havia sido agregado ao termo literatura, logo, não havia uma produção literária voltada exclusivamente para as crianças. Isso porque o conceito de infância não havia sido formulado como o conhecemos hoje. A criança era um adulto “pequeno”, um reflexo dos adultos que a circundavam. A literatura destinada aos adultos e às crianças era a mesma, não havia uma distinção.

Cunha, Gondim e Dias (2006), em seu estudo publicado na Coleção ProInfantil, afirmam que a divisão das classes sociais que vigorava até o momento também influenciava no acesso à literatura. As crianças oriundas de uma classe social mais privilegiada tinham acesso aos clássicos, às compilações e adaptações que surgiam, enquanto que, às que pertenciam à classe menos favorecida, tinha acesso apenas às histórias que circulavam na oralidade como os contos e lendas do folclore (CUNHA; GONDIM; DIAS, 2006).

Assim, até então, a criança era vista como um adulto em miniatura, isso é, não havia distinção entre o que era o ser adulto e o ser criança. A criança participava, praticamente, de todos os aspectos da vida adulta, fato que, na atualidade, seria considerado “imoral” ou “impróprio”. Não havia uma diferenciação entre o que seriam coisas de adultos e coisas de crianças. Segundo Rosemberg (1989) não havia sequer um termo ou palavra para designar a fase que hoje chamamos de infância.

Segundo Ariès (1981), o conceito de infância é uma invenção da modernidade. O autor ainda pontua que a fase e período do desenvolvimento humano é resultado de um longo processo histórico. Até o fim da Idade Média, as crianças recebiam uma atenção diferenciada até completarem sete anos de vida, neste período, acontecia o desmame e, a partir de então, os cuidados “maternos” eram dispensados e a criança passava a viver o “mundo do adulto” (ARIÈS, 1981).

Dessa forma, as crianças faziam parte de todas as esferas da vida adulta: cultural, no mundo do trabalho, na participação em festas, guerras, jogos e narrações. Só não lhes era permitido participar da tomada de decisões (ARIÈS, 1981).

De acordo com a pesquisa de Souza (2016), foi durante os séculos XVI e XVII que,

a noção de infância concebia a inocência, pureza e fragilidade, e no século XVIII surge uma noção moderna que se pauta na liberdade, autonomia e independência, e esperava-se que esse período de vida fosse logo superado, para que colaborassem com a comunidade tornando-se produtivas. Entretanto, a criança refletia para a sociedade a imagem de pureza (homem não corrompido) e a sua inocência deveria ser preservada. (SOUZA, 2016, p. 13).

Com o passar do tempo e o declínio do sistema feudal, surgiram teorias inovadoras nesse aspecto. Tais teorias teriam sido geradas a partir da posição de pedagogos e moralistas da época. Aos poucos foi se formando um conceito de infância, de início, baseado no ideal cristão de inocência e pureza. A criança era pouco observada e a figura materna não se fazia presente nos primeiros anos de vida. Os cuidados ficavam a cargo de uma ama de leite ou criadeira, conforme eram conhecidas (ARIÉS, 1981).

Ariés (1981) e Giatti (2005) apontam que tal evolução no pensamento humano que levou à formulação ou reformulação no conceito de criança e infância, também se deu por conta da valorização da família, uma vez que, no contexto da sociedade feudal, a família era considerada a instituição social mais importante que havia. Era da família que dependia a perpetuação do patrimônio e a propagação da moral e dos bons costumes, bem como da ordem social.

Assim, no final do século XVII com a decadência do sistema feudal e durante o século XVIII, é que a criança burguesa começa a ser vista como um ser diferente do adulto, ou seja, passa a ter um tratamento diferenciado, com isto, percebe-se a necessidade de uma literatura com características que se adequassem a esse público. Em vista disto, criou-se a o que conhecemos como literatura infantil.

A princípio, esse gênero surgiu a partir da preocupação dos adultos com a formação das gerações mais jovens. Pensava-se muito na conservação e preservação de valores morais e éticos que eram considerados importantes para a vida em sociedade. Assim, os primeiros textos voltados para o público infantil apresentavam um valor mais educativo que literário, embora seja necessário reconhecer o esforço estético para torná-los atraentes ao público infantil, por meio de ilustrações e do apelo aos elementos mágicos, conforme vemos nos populares contos de fadas.

Quanto aos primeiros textos infantis, explica Coelho (2000):

Ligada desde a origem à diversão ou ao aprendizado das crianças, obviamente sua matéria deveria ser adequada a compreensão e ao interesse desse peculiar destinatário. E como a criança era vista como “adulto em miniatura”, os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou minimização) de textos escritos para adultos. (COELHO, 2000, p.29)

A literatura infantil e juvenil, no seu contexto histórico, foi escolarizada com forte cunho pedagógico. Dessa forma, até o século o início do século XX encarada como um gênero secundário e vista pelos adultos como algo para manter a criança entretida e quieta.

Da mesma forma, que a concepção do que é infância tem modificado ao longo dos tempos o conceito de literatura infantil também se altera na atualidade. Adotamos como base a concepção apresentada por Coelho (2000, p.27): “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”.

Percebe-se que, mesmo sendo destinada a um público em desenvolvimento, como o infantil, a literatura deve priorizar, criança e livros que despertem a criatividade, a imaginação e a emancipação do leitor, ao invés de obras que se preocupem apenas em transmitir algum ensinamento mesmo, conteúdo didático. Cabe ressaltar também, que a literatura infantil oportuniza situações, nas quais as crianças possam interagir em seu processo de construção do conhecimento, possibilitando, assim, o seu desenvolvimento e aprendizagem.

A literatura infantil e juvenil brasileira, isto é, os textos destinados a crianças e jovens no Brasil também tiveram um surgimento semelhante aos textos das demais regiões do globo. No próximo tópico, discorreremos sobre esse assunto.

2.2 A literatura infantil e infantojuvenil brasileira

Conforme vimos no tópico anterior, o surgimento da literatura infantil está associado ao surgimento de um conceito de infância. No Brasil, de acordo com Moreti (2009), a criança esteve no anonimato até o século XIX. A autora afirma que, até esse período, a infância era tratada com descaso, inclusive, havia exploração de mão de obra infantil e pouca preocupação com os cuidados básicos com a higiene e a alimentação dos pequenos.

Não há registro de uma tradição literária brasileira até esse período. Os textos que aqui circulavam eram adaptações das obras europeias ou textos voltados para a evangelização, uma vez que, os jesuítas, no período colonial investiam na educação das crianças acreditando serem elas mais propensas a aceitar os dogmas de fé (MORETI, 2009).

Assim, no “Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias” (CUNHA, 1987, p. 20). A pesquisadora Nelly Novaes Coelho (2000) afirma que, foi em meados do século XIX que, começou a surgir na tradição literária brasileira, a necessidade de uma literatura nacional voltada para as crianças.

Foi este um período de grandes transformações na sociedade brasileira. Em 1888, houve a abolição da escravatura e em 1889, o fim da monarquia e a Proclamação da República, fatos esses que impactaram o cenário brasileiro de início do século XX. Coelho (2000) ainda afirma que, as primeiras produções literárias destinadas às crianças surgiram para atender a uma demanda do âmbito escolar, isto é, para atender a uma necessidade de alfabetização das crianças, eram assim, livros de leitura com pouco ou nenhum teor literário. Isso também ocorria porque os conceitos de literatura e de educação ainda estavam vinculados (COELHO, 2000; CADERMATORI, 2010).

Como já foi explanado a literatura infantil no Brasil como em outros países tinha um forte cunho pedagógico. Podemos citar alguns autores que mesmo com influência estrangeira esforçavam-se a demonstrar em suas obras o nacionalismo. Conforme Damaris (apud COELHO, 1982) são eles Hilário Ribeiro, com a *Série Instrutiva*; Felisberto de Carvalho, cuja obra concorria com a de Hilário; Romão Puiggari, com o livro *Coisas Brasileiras*, Fausto Barreto e Carlos de Laet, com *Anthologia Nacional* (modelo que influenciou antologias posteriores); e João Kopke, fundador da *Escola da Neutralidade* em São Paulo, em 1885.

No ano de 1896, Figueiredo Pimentel lança, pela Livraria Quaresma, os *Contos da Carochinha*, obra de tradução que reunia 61 contos populares que, na edição do escritor, não eram iniciados com “era uma vez...” e possuíam nuances de origem oriental. A publicação de Pimentel é considerada por muitos o primeiro projeto voltado para o segmento desenvolvido no país e por trata-se de

uma obra dirigida para o público infantil que traz a novidade de não ser, necessariamente, vinculada ao contexto escolar.

2.3 A negritude e a literatura infantojuvenil

O conceito de criança, como entendemos atualmente, é algo recente. E no que diz respeito à criança negra, ainda, há ranços desse passado escravista ao se constatar através de estudos que há um tratamento discriminatório em relação às crianças negras e que ele interfere no processo ensino-aprendizagem e na autoestima dessas crianças.

No aspecto da literatura infantil e a negritude, a partir da Lei 10.639/03, houve uma mudança, uma vez que ela surge na tentativa de se trabalhar com obras que rompam com o estereótipo negativo em torno das personagens negras. O Governo Federal, na época, implementou o projeto “A cor da cultura”, justamente, com o objetivo de possibilitar uma nova visão, tanto de professores, como de alunos, do continente africano e suas ligações com o Brasil.

Após a Lei 10.639/03 o mercado editorial brasileiro procurou consolidar o mercado com livros voltados para a temática afro-brasileira, principalmente, com personagens negros inseridos nos enredos das histórias. Sendo que esses sejam apresentados sem estereótipos.

A literatura infantil deve estar de acordo com políticas de reparação e de reconhecimento e valorização de sua história, da cultura, e principalmente identidade, fundada em dimensões históricas, das sociais, de acordo com a realidade brasileira, para fins do combate ao racismo e diminuição acelerada das discriminações aos negros. (BEM, 2019, p.64)

Pensando assim, a literatura pode contribuir para afirmação de identidades, rompendo com as desigualdades étnico-raciais tão presentes na nossa sociedade.

Houve com isso, uma imensa produção e publicação de obras literárias com a presença de personagens negras. No entanto, nem sempre essas obras atendiam ao objetivo proposto com a Lei e o projeto A Cor da cultura, pois ainda prevalecia a manutenção de estereótipos ou a presença de uma representação caricata da personagem negra.

O objetivo da Lei 10.639/03 foi contribuir com a formação de uma consciência crítica e uma educação antirracista em cuja prática pedagógica não houvesse a

manutenção do silenciamento das vozes negras promovido pelo legado eurocêntrico em nosso país. Conforme afirmam Alvaraz e Marques (2016):

O projeto de uma escola democrática e antirracista, bem como da produção de artefatos a ela destinados, como o livro de literatura infantil e juvenil, pretende ressignificar as marcas da colonialidade ainda presentes nos discursos hegemônicos no currículo escolar e no fazer pedagógico. Nesse contexto, identificamos a literatura infantojuvenil como discurso que circula nas escolas e que pode operar numa trajetória de (re) construção e fortalecimento da identidade negra.

Por isso, no contexto escolar o racismo não pode ser um assunto posto de lado. O docente deve identificá-lo e procurar formas eficientes de combatê-lo. Porém deve ter cuidado na escolha dos livros de literatura ao invés de afirmar a identidade negra de forma positiva reforçar o racismo e preconceito.

Dessa forma,

Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais para uns, e a neutralidade racial para outros. As consequências dessa visibilidade para negros são bem conhecidas, mas a da neutralidade do branco é dada como “natural”, já que ele é o modelo paradigmático de aparência e de condição humana (PIZA, 2002, p.72).

A questão não está somente na inclusão de personagens nas obras de literatura, mas na forma como essas personagens são representadas e a situação em que são tratadas. Afinal, personagens negras sempre foram retratadas nas obras literárias, o que diferencia é a forma de representação.

No que se refere ao trabalho com a literatura infantojuvenil na escola, quando o objetivo docente for contribuir com a formação de uma educação democrática e antirracista, o profissional deve selecionar obras literárias que tratem a temática de forma a desconstruir os estereótipos negativos construídos historicamente.

Algumas obras da literatura infantojuvenil promovem essa reflexão e referenciam as representações étnicas do negro de forma positiva e protagoniza a criança negra, a exemplo podemos citar *Diversidade* de Tatiana Belinky(2018) e *Amoras* (2018), de Emicida, que compõem o *corpus* desta pesquisa cujas análises serão apresentadas posteriormente, no Capítulo IV deste trabalho.

2.4 Monteiro Lobato, o divisor de águas na literatura infantil e infantojuvenil brasileira

São muitos os estudos sobre a produção literária de Monteiro Lobato, razão pela qual não se pretende discorrer sobre o assunto, mas apenas apresentar fatos marcantes da personalidade e da escrita deste escritor. Bacharel em Direito, escritor e editor, Lobato, nasceu no fim do período da escravização do negro no Brasil. Sempre viveu no interior e escreveu para jornais e revistas, além de publicar caricaturas e desenhos. Com a morte do avô, o Visconde de Tremembé, herdou a fazenda e passou de promotor a fazendeiro. O trabalho de agricultor não foi bem-sucedido e ele viu-se obrigado a vender as terras, voltando a escrever (LAJOLO, 2000).

Em 1918, mudou-se para São Paulo onde surgiu a oportunidade de comprar a *Revista do Brasil*, da qual Monteiro Lobato já era colaborador. Na *Revista*, publicou seus livros para adultos e, posteriormente, as obras infantis.

Considerando que as obras adaptadas eram de origem europeia, o primeiro registro de literatura infantil brasileira como real ponto de início dá-se pelas mãos do Monteiro Lobato, em 1920, com a obra *A menina do Narizinho Arrebitado*. Esse livro foi escrito para servir como “leitura escolar” algo normal no início do século XX que ofertavam modelos de comportamentos. A obra fez grande sucesso, o que levou o autor a prolongar as aventuras de seu personagem em outros livros girando todos ao redor do “*Sítio do Pica-pau Amarelo*”. A partir desse livro o escritor cria narrativas cujas personagens infantis vivem seus próprios conflitos referentes a sua idade e ambientados na cultura brasileira (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017).

É incontestável que Monteiro Lobato abriu caminho na literatura para crianças. Diante disso, Silva (2009) concluiu que:

Falar em literatura infantil brasileira é falar em Monteiro Lobato, escritor ultrapassou as fronteiras do Brasil, conquistando popularidade junto ao público leitor latino americano ainda no início dos anos 40. Mais do que isso: falar em escrever, traduzir, editar e distribuir livros neste país é falar em Lobato, homem ímpar, cujo maior empenho estava em mudar a face arcaica do Brasil, em trazer o país para a modernidade. Foi ele quem cunhou a célebre frase: “Um país se faz com homens e livros”, assertiva que nem os recentes ventos da globalização têm conseguido abalar. (SILVA, V. 2009, p. 117).

Lobato dedicou-se aos livros infantis, procurando publicar um livro por ano, com os personagens já consagrados. Apesar de demonstrar em diversos momentos

que se cansava facilmente das coisas, a produção de livros infantis acompanhou toda sua vida, dando-lhe destaque como escritor para crianças. Conforme afirma Sandroni (1987):

Com Lobato, os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento sobre inúmeros problemas concretos do país e da humanidade em geral. [...] Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre realidade e fantasia, que ela pode ser agente de transformação. (SANDRONI, 1987, p. 53):

Alguns estudiosos das obras de Lobato fazem críticas pela forma de representação do negro em suas produções literárias, uma forma estereotipada e tem autores que o chamaram até de racista. Não é objetivo deste trabalho discutir as representações raciais na obra lobatiana, no entanto, faremos algumas considerações e destacaremos ainda as contribuições do autor na constituição da nossa literatura infantil e juvenil seja como escritor ou editor.

Sobre a participação do negro na obra lobatiana destacamos *Histórias da Tia Nastácia* e *Reinações de Narizinho* (é o primeiro livro da série Sítio do Picapau Amarelo). Em uma análise sucinta a pesquisadora Maria Anória de Jesus Oliveira (apud KHÉDE, 1990.p.88) sobre *Histórias da Tia Nastácia* afirma que:

A cultura popular é depreciada e o conhecimento de Tia Nastácia é associada à ignorância. Em contraposição, existe Dona Benta que simboliza a sabedoria livresca. Logo, o seu conhecimento é superior ao de sua empregada, a qual “[...] representa o lado ingênuo e crédulo do povo”, pois os “demais habitantes do sítio pensam que Tia Nastácia fala ‘errado’, e que apresenta ideias simplistas em relação aos problemas que a cercam”. Quanto ao seu desenvolvimento cognitivo, no texto ela é assemelhada as crianças ou, até, colocada aquém destas. (OLIVEIRA apud KHÉDE, 1990. p.88)

A percepção do racismo nas obras de Lobato, por ser um fator polêmico e que gerou bastante contestação entre educadores, pesquisadores e especialistas em literatura infantil e juvenil. A quem discorde desse cunho racista de Monteiro Lobato com a personagem Tia Nastácia. Sobre o assunto, Coelho (2000) ressalta:

Tia Nastácia, o símbolo idealizado da raça negra, afetuosa e humilde, que está em nossa gênese de povo e foi a melhor fonte das histórias que alimentaram a imaginação e a fantasia de gerações e gerações de brasileiros. (Aos que chamaram Lobato de racista, por criar essa personagem preta e ignorante, não perceberam que *dentro de seu universo literário* não há preconceito racial nenhum, pois Tia Nastácia é respeitada e querida por todos. (COELHO, 2000, p.144)

A obra de Monteiro faz as crianças refletirem, através das falas dos personagens, sobre o mundo que as cercam e as introduzem numa realidade impactante, porém estimulante, tornando-os cidadãos pensantes e capazes de tomarem decisões.

Além disso, Lobato investiu seu no seu lado editor para disseminar e ampliar o mercado consumidor de livros no Brasil. Sobre essa questão afirma Passiani (2003).

Notamos, pois que as atuações literárias e editorial de Lobato foram movidas por uma única concepção de literatura: o bem cultura "literatura" não é anterior e nem deve sobrepujar o leitor; ao contrário, ele só ganha sentido na medida em que é aceito e consumido pelo público. E literatura somente é aceita e consumida quando responde às necessidades e aos desejos do público-leitor e quando se coloca no mesmo nível de linguagem desse público. (PASSIANI, 2003, p.205).

As escritas de Lobato refletem o contexto histórico em que o autor vivia, sob o nosso olhar do século XXI pode sofrer variadas interpretações. O que não podemos negar é que, depois de Monteiro Lobato, a produção de literatura infantojuvenil no Brasil viveu uma fase inovadora, revolucionária que fomentou de maneira criativa a literatura infantojuvenil no intuito de formar cidadãos leitores tendo seus resultados percebidos até hoje.

Toda a produção literária de Lobato voltada para o público infantil tinha como objetivo a formação de uma consciência crítica nas crianças. As crianças retratadas em sua obra são reflexo daquelas que ele desejava ver na sociedade brasileira: crianças críticas, conscientes, mas que não deixavam de ser crianças. Eram também criativas, viviam a fantasia e cultivavam a imaginação.

Tornar a criança capaz de entendê-los, [...] passar o poder do conhecimento para a criança e [...] despertar nela a capacidade de julgamento independente. [...] Nos livros infantis de Lobato vemos, talvez até melhor do que nos destinados a adultos, o seu pensamento social, econômico, político e científico-filosófico e a representação que ele se fazia da sociedade brasileira, bem como as relações que esse pensamento mantinha com as teorias e discursos em circulação na época (VASCONCELLOS, 1982, p.21).

A literatura lobatiana era, assim, didática, no sentido de dizer que ele desejava contribuir com a formação da criança. Isso não significa afirmar que não era literatura ou que foi feita para ser usada na escola como material didático, mas que ele fazia uso do potencial formador da literatura, isto é, Monteiro Lobato foi um escritor visionário. Por isso, a sua produção literária deve ser analisada

considerando-se o contexto sociocultural e histórico em que foram produzidas. Além disso,

discutir a representação do negro na obra de Monteiro Lobato, além de contribuir para um conhecimento maior deste grande escritor brasileiro, pode renovar os olhares com que se olham os sempre delicados laços que enlaçam literatura e sociedade, história e literatura, literatura e política e similares binômios que tentam dar conta do que, na página literária, fica entre seu aquém e seu além (LAJOLO, 1998, p.1).

Desconsiderar isso e o fato de que o autor sempre esteve preocupado com os acontecimentos sociais de seu tempo é ignorar o valor literário de sua obra e a sua imensurável contribuição com a formação da literatura infantil brasileira. A extensão de sua obra serviu de inspiração para gerações de autores do gênero e seus personagens ainda hoje povoam a imaginação de crianças e jovens leitores.

A literatura infantil desde a sua origem está ligada à formação da criança, tanto que alguns estudiosos como Cadermatori (1994) apontam o teor pedagógico desse gênero literário. Na produção lobatiana percebemos o uso dessa estratégia no fazer literário para o público infantil, pois ao mesmo tempo em que ele cria mundos e faz uso de metáforas, aguçando a imaginação e potencial criativo das crianças, ele dá conta de uma formação cultural e não apenas escolar/pedagógica. Ele propicia com a sua escrita, assim, uma emancipação da criança.

Assim sendo, Monteiro Lobato foi, é e sempre será referência quando se fala em literatura infantil, independente das representações identitárias presentes em sua obra que são, antes de tudo, representações da cultura brasileira.

CAPÍTULO III

3 A LEI 10.639/03 E A VISIBILIDADE DO NEGRO NO CURRÍCULO ESCOLAR

A educação, entendida *a priori* como um direito social, é, também, um processo de desenvolvimento humano, mas no Brasil a população negra esteve sempre a margem desse direito. Porém, na década de 1990 houve um significativo aumento de discussões sobre ações afirmativas e direitos e reparações para a população afrodescendente no Brasil.

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), documentos aprovados pelo MEC em 1997, introduziram conteúdos de história africana e aprovaram um “tema transversal” sobre “pluralidade cultural”. Eles indicavam uma política educacional responsável pelo trato pedagógico do conhecimento e da cultura afro-brasileira e africana, além de reforçar o papel da escola como lugar de reconhecimento e de respeito às diversidades culturais:

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. (BRASIL PCNs, 1997, p.19).

Percebe-se que o documento é claro para atender essa pluralidade e contribuiu para estimular os debates sobre a multiculturalidade, mas a aplicabilidade foi permeada por contradições, conflitos e resistências.

Em 2003, inserida num debate mais amplo acerca da desigualdade racial, do racismo, da necessidade de ações afirmativas e de projetos de políticas públicas (como ações afirmativas, Estatuto da Igualdade Racial, Projetos para populações quilombolas), com o objetivo de modificar a realidade brasileira, para realmente se contrapor ao enfoque eurocêntrico na educação foi sancionada pelo então presidente, Luís Inácio Lula da Silva, em janeiro a Lei 10.639, (atual Lei 11.645/08) que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 para inserção no currículo oficial da obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e Africana e Indígena, a qual, por sua vez determina:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (Presidência da República- Subchefia para Assuntos Jurídicos- Lei 11.645, de 10 de março de 2008).

Entendemos que o esforço dos movimentos sociais negros e algumas escolas para aplicabilidade da lei 10.639/03, modificou práticas historicamente constituídas

de desvalorização da história, literatura e da cultura do povo negro nas salas de aula. É importante que a escola construa, diante disso, uma reeducação das relações étnico-raciais trazendo aos seus docentes e discentes toda a história e cultura Afro-Brasileira. Sendo assim, é indispensável que os alunos possam conhecê-la através da literatura, desenvolvendo discussões em sala de aula, possam ter uma nova postura frente a todas as discriminações e preconceitos sofridos por esses grupos raciais.

Segundo Alcaraz e Marques (2016, p. 57):

A quebra de paradigmas, padrões, preconceitos e estereótipos raciais surge como uma luta pela valorização do negro/negra e funda novas representações por meio de obras literárias na valorização identitária no Brasil. Pensar em tais características é contextualizarmos novas formas de aprender, seja no ambiente escolar e na sociedade. Algumas características como o cabelo cacheado foram e são motivos de racialização e preconceito, ressurgem agora como formas de fortalecimento para a identidade. Elas (re) afirmam um espaço corpóreo cultural na representação da arte como espaço de expressão negra/o em territórios antes ditos 'neutros', mas sempre organizado por meio de discursos para a branquidade.

Daí a necessidade de trabalhar as questões raciais na escola tendo como aliada a literatura infantil que trate dessa temática. O trabalho com ela promove a formação de uma consciência crítica nas crianças, despertando a imaginação e a criatividade das crianças, pois

Trabalhar com diversidade étnico-racial, especialmente na educação infantil, exige sim, que o professor assuma um compromisso ético e político. Apesar de haver nas propostas oficiais recomendações para que as instituições ofereçam esse tipo de conhecimento, sabemos que incluí-lo nas práticas pedagógicas é romper com a lógica da reprodução do racismo institucional. (DIAS, 2012, p.665)

O compromisso do profissional docente é de estimular nas crianças a consciência de que somos todos seres humanos com direitos iguais e que, mesmo em nossas diferenças. O uso da literatura fortalece essa proposta quando usada de forma correta.

3.1 As relações étnico-raciais na educação do Brasil

Desde o século XVI, passando por todo o momento de escravidão, que não foi um período curto, correspondendo a 300 anos, os negros escravizados, libertos e livres criaram uma série de estratégias cotidianas de luta para resistir às condições colocadas pela sociedade escravista, a fim de conquistar não só a liberdade, mas

um tratamento igualitário em todas as áreas da sociedade brasileira. Sobre a questão da educação do negro no período colonial e imperial, pondera Silva,(2011,p.21):

A eles foi negada a possibilidade de aprender a ler, ou se lhes permitia, era com o intuito de inculcar-lhes representações negativas de si próprios e convencê-los de que deveriam ocupar lugares subalternos na sociedade. Ser negro era visto como enorme desvantagem, utilizava-se a educação para despertar e incentivar o desejo de ser branco.

A população negra, em vários lugares do mundo, encontrou-se por séculos na obscuridade, com seus direitos negados, em todas as áreas sociais, inclusive a de escolarização. No Brasil, a situação não foi diferente e se esse indivíduo negro e pobre, encontram-se duplamente na obscuridade e atingidas diretamente pelas formas de opressão de uma minoria de pessoas brancas detentora do poder. Nesse sentido, Petronilha Silva(2007) explica sobre a educação das relações étnico-raciais:

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos. (SILVA, 2007, p.490).

Por isso, a educação voltada para as relações étnico-raciais deve ser aplicada nas escolas do Brasil, principalmente a rede pública que detém o maior número de discentes. Segundo Djamila Ribeiro (2019) por causa do racismo estrutural, a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade. Porém, apesar de todas as barreiras impostas ao longo da história da educação brasileira o movimento negro busca a estruturação de políticas públicas educacionais antirracistas.

É necessário sublinhar após séculos de muita luta do movimento negro temos além de leis outras políticas públicas, mas precisamos focar também na formação docente, porque são eles que nas salas de aulas da educação básica brasileira

constroem uma educação antirracista como objetivo garantir o direito a educação de qualidade aos negros, assim como há todos os cidadãos brasileiros. Sobre essa temática Cruz (2005) afirma:

[...] A produção de conhecimento e a introdução de temas e conteúdos sobre as trajetórias educacionais de afro-brasileiros nos cursos de formação de professores podem contribuir com a formação de professores em condição de lidar solidariamente com a diversidade. (CRUZ, 2005, p.30).

Em nossa realidade precisamos ainda de ações eficientes seja na universidade ou na formação continuada dos docentes nos estados e municípios, os qualificando, para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos, com formação para a reeducar as relações entre diferentes grupos étnico-raciais combatendo todas as formas de racismo, discriminação e preconceito.

3.2 A literatura infantojuvenil e a diversidade étnico-racial na educação brasileira

A literatura infantojuvenil no Brasil teve sua fase inovadora a partir dos anos 1960 e 1970 até o fim do século XX. A literatura tem tido diferentes enfoques ao longo do tempo e na contemporaneidade auxilia na formação de um leitor literário competente e crítico. Nesse sentido Coelho (2000) define:

A contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. (COELHO, 2000, p.151).

Precisamos entender o poder da literatura infantojuvenil no processo de ensino e aprendizagem além dos benefícios que a leitura literária pode dar ênfase a diversidade étnico-racial presente em nossas salas de aula. Reforçando o que tratamos nesse parágrafo temos, Pontes (2019)

Contudo, é necessário apresentar obras literárias para educação infantil com ênfase na cultura étnico-racial, para que desta forma possamos contribuir na quebra dos estereótipos negativos, passados para estas crianças, pela sociedade ou familiares. (PONTES, 2019, p.30):

O Censo do IBGE de 2010 mostrou que negros são a maioria da população brasileira, 96,7 milhões – o equivalente a 50,7% da população -, contra 91 milhões de brancos (47,7%), 2 milhões de amarelos (1,1%) e 817,9 mil indígenas (0,4%). Se

a população negra é a maioria no país eles deveriam ser bem representados nas obras literárias, mas por um longo período de tempo houve apagamento da produção negra.

Com a lei 10.639/03 que percebemos uma valorização para diversidade étnico-racial. Ainda o apoio do FNDE (Fundo nacional de desenvolvimento Educacional) e PNBE (Programa Nacional biblioteca da Escola) houve uma disseminação de obras literárias nas escolas públicas do país que evidenciam personagens negros sem estereótipos e exageros fenotípicos. Apresentando a literatura infantojuvenil negra de modo positivo e afirmativo.

Apesar de uma disseminação de livros com a temática afro- brasileiras e africanas nas escolas, se faz necessário um trabalho pedagógico que envolva as famílias para que haja um rompimento com pensamentos racistas e preconceituosos que muitas vezes permeiam essas famílias que acaba refletindo no docente fazer pedagógico do docente com essas literaturas que não são eurocêntricas.

3.3 O papel do docente na mediação do trabalho com literatura infantojuvenil na perspectiva étnico-racial

A literatura infantojuvenil é um gênero literário específico indicado para crianças, adolescentes e jovens, mas produzido por adultos. Isso não significa que adultos não a possam apreciar

Considerando seu trabalho didático, o importante é a atuação do professor na identificação de bons textos literários, de forma a garantir que o leitor estabeleça um diálogo com o mundo ficcional da literatura ampliando seu horizonte na cultura étnico-racial. Nesse sentido, visitar uma biblioteca, manusear livros, enfim, vivenciar o mundo da leitura são atitudes que devem fazer parte do universo da criança e, a escola, na figura do professor, deve permitir que tais atitudes se estabeleçam de forma que o discente crie gosto e interesse pelos espaços de circulação e valorização das culturas étnicas tão presentes no nosso povo brasileiro.

É perceptível a necessidade de intermediação do professor(a) para inserção dos sujeitos no mundo da literatura e especificamente a afro-brasileiras como defende Fritzen (2007):

Se concebermos um leitor literário como aquele capaz de reconhecer e questionar as especificidades de linguagem, as intertextualidades, as relações com os contextos de produção e recepção das obras de modo a

incorporá-las criticamente com a matéria viva de seu tempo, tais processos não podem ocorrer sem a efetivação, por ele, de uma nova escrita, sem que ele se torne também autor de sua história. (FRITZEN, 2007, p. 11).

Assim, é preciso que o professor tenha um conhecimento e uma formação que naturalize as atividades literárias voltadas para diversidade étnico-racial na escola. Que deixe de ser algo só pontual em datas comemorativas específicas, como por exemplo, do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro. Como afirma Silva (2011, p.13) “Para desencadear, executar, avaliar processo de educação das relações étnico-raciais é preciso que se compreenda como processos de aprender e de ensinar tem se construído...”

Os docentes nas suas práticas metodológicas de ensino na da literatura africana e afro-brasileira consegue construir de forma positiva novos olhares e concepções da pessoa negra através de uma leitura literária prazerosa.

3.4 A literatura afro-brasileira: a opção do escritor ser negro com os negros.

De maneira estereotipada o tema negro sempre esteve presente na literatura brasileira. A literatura afro-brasileira vem denunciar enfaticamente as alienações impostas aos sujeitos negros, com base em discursos racistas, difundidos desde o período colonial, e que encontram permanências remodeladas na contemporaneidade.

Na literatura afro-brasileira o povo negro percebeu a possibilidade de desconstruir as fronteiras entre contestação individual e coletiva. As temáticas dessa vertente literária se disseminam por eixos que abrangem questões identitárias acerca das corporalidades, oralidades e memórias negras e que explicitam a atuação social da literatura.

A tarefa que os autores assumem de se tornarem os porta-vozes privilegiados de seu grupo e que lhes reserva uma missão profética de anunciar nossos tempos e conclamar a união de todos, insere-os na melhor tradição da literatura negra. (BERND, 1988, p.79).

A poesia por ser lida como um gênero que possibilita o encontro com a cultura humanística, como espaço de revelação e reconhecimento de si, da realidade circundante ao leitor além de propiciar-lhe uma leitura ampla e crítica dos valores vigentes na sociedade. Damasceno (1988, p. 69) aponta algumas características da poesia negra brasileira, tais como a “procura e/ou afirmação da identidade negra; a

ausência de um código de cor básico e obrigatório; o uso de tema da vida e da população negra resultante de vivências próprias ou de estudos e observações conscientes; a introdução na poesia de termos e palavras do vocabulário afro-brasileiro; a transformação e reabilitação semântica da linguagem”. Bernd (1988) diz sobre o negro se assumir na poesia:

[...] Passando de outro a eu o negro assume na poesia sua própria fala e conta a história de seu ponto de vista. Em outras palavras: esse eu representa uma tentativa de dar voz ao marginal, de contrapor aos estereótipos (negativos e positivos) de uma literatura brasileira legitimada pelas instancias de consagração. (BERND, 1988, p.50).

Sabemos que não existe uma homogeneidade cultural e que a realidade brasileira por muito tempo valorizou uma cultura eurocêntrica dominante e negava a própria diversidade de um país multicultural. A literatura principalmente a literatura afro-brasileira contribui de maneira significativa para dar voz a esse grupo marginalizado, resgata e preserva a cultura afro-brasileira e todas as suas peculiaridades e especificidades linguísticas.

CAPÍTULO IV

4 ANÁLISE DOS POEMAS DIVERSIDADE DE TATIANA BELINKY E AMORAS DE EMICIDA

A proposta do nosso trabalho é demonstrar a literatura infantojuvenil como aliada do professor na construção de uma ambiência antirracista na escola. Sabemos que a literatura não é único meio para a solução dos problemas que o racismo e a discriminação racial provocam. No entanto, vemos nela a possibilidade de ser ferramenta de apoio dos docentes no processo de formação de uma consciência crítica nas crianças e adolescentes que a ela têm acesso.

Para tanto, a partir da metodologia de análise do conteúdo proposta por Bardin (1977) analisaremos as obras literárias *Diversidade* (2018), de Tatiana Belinky e *Amoras* (2018), de Emicida. Nosso objetivo com essa análise é demonstrar que, o trabalho com as referidas obras na sala de aula promoverá a formação de uma consciência crítica na criança e uma visão positiva da diversidade existente no nosso país e de respeito à cultura negra, afro-brasileira e africana.

4.1 Síntese da obra

A análise do conteúdo, proposta por Laurence Bardin (1977) se volta para a análise do que está além do texto escrito, presente nas entrelinhas na produção. Para tanto, nos voltamos para a análise do discurso, das expressões nelas contidas e das relações de sentido que elas propõem. No quadro a seguir apresentamos uma síntese das obras:

Quadro 1. Síntese das obras

LIVROS	CATEGORIAS		PALAVRAS-CHAVES	CONTAGEM
	IMAGEM	DISCURSO		
DIVERSIDADE	Cor da pele; vários tipos de cabelo; somos diferentes e está tudo bem.	As pessoas são diferentes e precisamos compreender além das aparências, despertando para o respeito.	Diversidade-diferenças-crianças.	Um e outro-42 vezes. Pele - duas vezes. Cabelo-duas vezes
AMORAS	Identidade racial infantil	Menina negra que reconhece sua identidade, entende a representatividade afro e respeito a diversidade religiosa.	Autoestima da criança negra, representatividade, diversidade religiosa.	Pretinha-quatro vezes. Olhos:

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Sendo assim, compreendemos a partir deste quadro que há uma produção de obras literárias enfatizando a diversidade, trabalham com a representatividade e as relações étnico-raciais, desafiando um sistema de estereótipos culturais de colonização patriarcal e branca.

É comum observarmos na literatura infantil contemporânea uma atualização de discursos do passado que insistem em manter estereótipos negativos em torno da pessoa negra. Tais produções tendem a contribuir com a formação de um pensamento preconceituoso nas crianças. Nas obras escolhidas para compor o *corpus* desta pesquisa, percebemos o contrário, *Diversidade* (2018), de Tatiana Belinky nos apresenta uma visão positiva das diferenças e *Amoras* (2018), de Emicida, traz à tona uma representação positiva da identidade negra.

Logo, as obras escolhidas para a nossa análise proporcionam uma problematização do tema diversidade na escola. Destacamos a sua importância para refletir sobre a ampliação do tema diversidade na escola com foco na formação de uma sociedade menos discriminatória, excludente e segregadora.

A metodologia de análise do conteúdo nos possibilita analisar as obras com base em uma abordagem qualitativa. Ela nos ajudou a descrever e interpretar o conteúdo das produções literárias, isto é, o que está para além das palavras, nas entrelinhas do texto escrito. Nos próximos tópicos, apresentamos a nossa análise acerca dos textos literários escolhidos para o *corpus* da nossa pesquisa.

4.2 DIVERSIDADE DE TATIANA BELINKY: VALORIZAÇÃO E RESPEITO

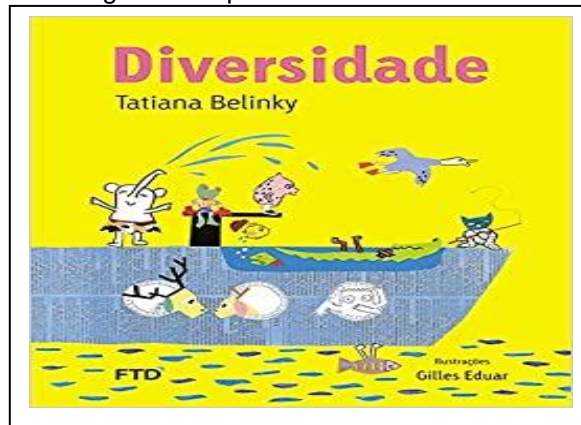
A diversidade, portanto, tem se caracterizado como política universalista da maneira a contemplar o todo, todas as formas culturais, todas as culturas, como se, pudessem ser dialogadas, trocadas, a diversidade é, portanto, o campo esvaziado da diferença. (ABRAMOWICZ, CRUZ, RODRIGUES, 2011, p.93.)

A escrita literária de Tatiana Belinky fez história na literatura, representando uma força intelectual na renovação da literatura infantojuvenil brasileira, voltada para um público extremamente desafiador: o infantojuvenil.

Tatiana Belinky nasceu em São Petersburgo, na Rússia, e chegou ao Brasil, em São Paulo, aos dez anos de idade, com os pais e dois irmãos menores. Desde pequena, adorava as histórias que os pais e avós contavam e liam. Os livros a fascinavam. Começou a ler sozinha, aos quatro anos de idade, e nunca mais parou.

Escreveu muito. É autora de mais de 250 títulos de literatura infantojuvenil. Desde cartas e diários até traduções, roteiros de televisão, críticas em jornais e muitos outros textos de diferentes formatos. Entre os muitos livros publicados, está a obra infantil *Diversidade*, publicada originalmente pela editora Quinteto Editorial de São Paulo, em 1999.

Figura 1: Capa do livro “Diversidade”.



Fonte: Registro feito do livro analisado, 2021.

Essa 3ª edição de *Diversidade* (2018) é um texto poético que trata das diferenças físicas e psicológicas de cada ser humano, com 17 estrofes e ênfase em versos simples e de fácil compreensão. A ideia desenvolvida baseia-se na máxima de que é preciso respeitar as diferenças. Nos versos do livro *Diversidade* (2018) é possível perceber que não há um jeito único de ser: “Tudo é humano/ Bem diferente / Assim ou assado/ todos são gente,” (BELINKY, 2018, p. 32).

Sabemos que não existe uma homogeneidade cultural e que a realidade brasileira, por muito tempo, valorizou uma cultura eurocêntrica dominante e negava a própria diversidade de um país multicultural. Principalmente os negros, o sentimento de não pertencimento à sociedade.

Com a lei 10.639/03 a diversidade étnico-racial começa a ter um lugar ocupado de forma significativa no interior das escolas e nas literaturas.

A escritora Tatiana Belinky (2018) trata da diversidade étnico-racial:

De pele clara
De pele escura
Um, fala branda
O outro, dura
[...]
Cabelo crespo
Cabelo liso
Dente de leite
Dente de siso
(BELINKY, 2018, p.22 e 26)

Por meio da leitura desses versos, que estudamos nessa seção, é possível perceber que a autora apresenta duas questões que geram muitos debates, racismo e preconceitos quanto ao povo afro-brasileiro e africano, a cor da pele e o cabelo. Dessa forma, proporciona condições para que as crianças negras possam construir,

fortalecer e afirmar sua identidade racial. Assim, atualiza-se características desse povo antes carregadas de conotações negativas, tornadas positivas.

Com o olhar poético e toque de sensibilidade comum a poesia destinada às crianças, a escritora instiga em seus leitores a reflexão sobre as características de cada pessoa, afirmando que cada ser é de um jeito, que aprendendo a respeitar as diferenças vamos construir um futuro melhor.

4.3 AMORAS DE EMICIDA: A POESIA AFIRMATIVA DA IDENTIDADE NEGRA

A poesia negra vai se nutrir, portanto, da ideia de desconstrução, de demolição de “verdade” que negam o negro, buscando substituí-las por outras que, ao contrário, afirmam e exaltam sua condição humana. (BERND, 1988, p.86)

Na construção da história da arte brasileira, há a participação do negro como elemento formador ativo. No entanto, houve um silêncio histórico sobre os artistas e escritores. Na literatura brasileira, como manifestação artística, o povo negro sempre esteve presente, infelizmente em muitas obras de maneira estereotipada. A literatura negra vem denunciar enfaticamente as alienações impostas aos sujeitos negros, com base em discursos racistas, difundidos desde o período colonial, e que encontram permanências remodeladas na contemporaneidade.

A literatura, que tem a palavra como matéria-prima tem por finalidade recriar a realidade a partir da visão de determinado autor (o artista), com base em seus sentimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas. Como exemplo, destaca-se no cenário nacional Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida, artista expoente e um dos maiores nomes do cenário do rap nacional na atualidade. Nascido na zona norte de São Paulo, Emicida formou-se em desenho pela escola Arte São Paulo e teve seu início nas artes através das histórias em quadrinhos, atuando como desenhista e roteirista.

Alguns destaques devem ser feitos com relação à diversificação das suas atividades, o cantor, o compositor, o produtor musical, o desenhista e o escritor Emicida.

É importante pensar sua importância no cenário nacional para além da música. Sua obra é permeada por um discurso político, sempre buscando a igualdade para o povo negro, e nunca deixando de valorizar suas raízes africanas. Em 2015, é lançado o álbum *“Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de*

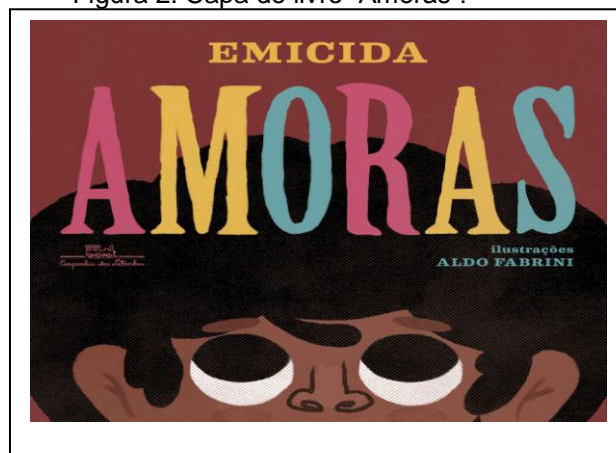
Casa”, elaborado durante uma viagem para a África, mais especificamente Angola e Cabo Verde, países falantes da Língua Portuguesa, em que Emicida “mergulha” na sua ancestralidade.

Recentemente inspirado nas filhas Estela e Teres, escreveu dois livros de literatura infantojuvenil voltado para questão étnico-racial: o primeiro, *Amoras*, publicado em 2018; e o seu segundo, *E Foi Assim Que Eu e a Escuridão Ficamos Amigas*, em 2020.

Nesses livros as crianças negras se veem representadas quebrando os padrões recorrentes. O escritor de maneira leve investe em um discurso de resistência e reafirmação da identidade para que não haja uma história única sobre os diferentes povos, culturas e lugares.

O livro infantil proporciona muitas concepções, mas temos obras que trazem novas concepções e valorização da criança negra bem como podem auxiliar as não negras a se relacionarem bem com as diferenças.

Figura 2: Capa do livro “Amoras”.



Nossa análise será delimitada ao livro *Amoras*, o autor fala em uma entrevista à revista digital GQ 2020:

Eu queria escrever para crianças há muito tempo. É um desejo muito antigo que eu tenho de conversar com a molecadinha. É um momento em que eles começam a compreender o mundo um pouco melhor, a buscar as coisas e a se procurar nas histórias. Foi nesse sentido que peguei essa história verídica, que aconteceu quando estava em um pé de amora na casa da minha mãe com a minha filha.

O livro começa refletindo sobre a diversidade religiosa fazendo referências dos vários nomes de Deus. O primeiro a ser referenciado é um de matriz africana

Obatalá na qual ele diz: *Pode olhar, lá tudo é puro e profundo / que nem Obatalá, o orixá que criou o mundo.* (EMICIDA, 2018,p.3)

Em seguida, faz referências à resistência afro – a história cita Zumbi, Martin Luther King, e Emicida reforça a importância de nos reconhecermos e nos orgulharmos de ser quem somos – desde criança e para sempre.

Ainda a protagonista, uma criança negra, de cabelos encaracolados, percebe-se tão linda quanto as amoras que colhe do pomar, no diálogo com o pai que gira em torno da amora mais doce, ‘as pretinhas’, o que faz com que a criança se identifique “*Papai que bom, porque eu sou pretinha também*”. (EMICIDA,2018, p.33)

Reforçando a importância da construção da identidade negra, Eduarda Plácida (2019), salienta:

[...]a identidade se constrói a partir das relações estabelecidas com o mundo de valores no qual se está inserido, fundamentando suas escolhas, ou seja, é um processo de construção social, no qual nos percebemos através do olhar do outro. (SILVA, 2019, p.47.)

Percebemos através da linguagem poética presente no livro *Amoras* a importância de cultivar a autoestima das crianças e o reconhecimento de sua própria identidade, independentemente de sua etnia, cor de pele, bem como da necessidade de se romper com a ideia de que há um padrão de beleza que anula as outras belezas, construindo assim referências positivas que levam ao desenvolvimento saudável da criança. Sobre isso, destaca Antunes (2005)

Ajudar a criança a construir um bom caráter é a mesma coisa que ajudá-la a desenvolver consciência de erro e do acerto. Caráter e consciência expressam a visão que possui de si mesma e aproxima-se muito do sentimento de autoestima. (ANTUNES, 2005.p.52).

Nesse sentido, com delicadeza, os diálogos rimados no texto constroem junto com a criança negra, falas incentivadoras e encorajadoras a conquistar seu espaço, e a mostrar sua relevância e importância, independente da sua cor de pele, o seu verdadeiro valor e significado na sociedade.

4.4 Diversidade e Amoras, proposição didática para relações étnico-raciais no espaço escolar

A diversidade étnica, racial e cultural é elemento a ser considerado na formação da sociedade brasileira e a partir dessa característica é preciso entender de que forma essa diversidade é trabalhada no contexto escolar, como também de que forma as relações étnico-raciais são construídas,

pois sabemos que a escola é um espaço de reprodução social no qual as desigualdades presentes na sociedade refletem-se no seu cotidiano (SILVA, 2019, p. 42)

Diante disso, trabalhamos no decorrer desse trabalho com a inquietação: Como a literatura infantil aliada a ação docente pode contribuir para a representatividade negra? Tal problemática foi desenvolvida orientada pelos pressupostos da abordagem crítico-dialética, fazendo uso dos livros: *Diversidade* (Tatiana Belinky, 2018) e *Amoras* (Emicida, 2018).

No espaço escolar os professores precisam primeiro de uma discussão e inclusão da diversidade cultural e étnico-racial na sua formação na graduação e de pós-graduação. Diante disso, podemos realizar experiências significativas de diversidade étnico-racial no interior de nossas salas de aulas.

A maioria dos estudos e pesquisas sobre o uso da literatura infantojuvenil no espaço escolar de forma prazerosa expressam resultados benéficos e perceptivos no desenvolvimento da criança na competência literária, criatividade, imaginação memória, ampliação de horizontes, entre outros benefícios.

Os livros *Diversidade* (Tatiana Belinky, 2018) e *Amoras* (Emicida, 2018) foram escritos em um gênero acessível para as crianças que é a poesia. Sobre a poesia para crianças Coelho (2000) diz:

Apesar de sua diversidade de temas, sonoridades, ritmos, etc., há algo de comum na sua variada manifestação: a valorização da poesia como modo de ver o mundo e um caminho para a autodescoberta do *eu* em relação ao *tu* (ao outro) com qual deve conviver para que a vida se cumpra em plenitude. (COELHO, 2000, p.251)

São múltiplos os caminhos que o professor pode seguir a partir desses livros seja presencialmente, on-line ou off-line para que a criança amplie suas descobertas de si e do outro de forma respeitosa.

Podemos pensar primeiro o trabalho com o livro *Diversidade* incentivando as crianças a leitura artística que as ilustrações apresentam e a escuta das múltiplas leituras que elas propiciam.

A segunda etapa é aproximar a criança da palavra diversidade e a desconstrução de estereótipos impostos pela sociedade em uma roda de conversa. Atendendo o campo de Experiência “O Eu, o outro, e o nós” com o objetivo da BNCC: (EI02E005) Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.

O livro *Amoras*, proporciona atividades voltadas mais para a questão étnico-racial, tendo como foco o povo negro. O trabalho proposto com esse livro está voltado a autoestima das meninas negras e valorização de sua ancestralidade, religiosidade e representatividade.

O professor começa com a contação da história utilizando um painel com as imagens do livro xerocadas e coladas conforme a narrativa para que as crianças possam acompanhar.

A segunda etapa seria mostrar as belezas afro-brasileiras com várias imagens que desconstruíssem os estereótipos dos padrões de beleza impostos por outras culturas.

A terceira etapa, seria a escuta das crianças e suas leituras sobre a obra e as imagens. Em seguida, direcionado pelo professor(a) uma proposta de uma releitura e ilustração produzidas pelas crianças.

No final a construção de um portfólio com todas as produções dos alunos para compartilharem com os familiares e a comunidade.

Nessas proposições, contamos com as iniciativas e práticas dos professores (as) comprometidas com uma educação voltada para a diversidade étnico-racial aliada ao uso da literatura infantojuvenil afro-brasileira no combate ao racismo e preconceito ainda presentes nas salas de aula brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível e inegável que a população negra brasileira por muito tempo foi obrigada a manter-se subalternas, através de um processo longo e doloroso. Entretanto, é preciso reconhecer a luta, principalmente, do Movimento Negro Brasileiro, pelo reconhecimento do direito à educação para a população negra.

Partindo da realidade, podemos afirmar que, ainda teremos um longo caminho a percorrer. Por outro lado, as tensões, desafios estão sendo gerados e, de certa forma, as possibilidades vão sendo criadas a partir dos “jogos de poder”, do desejo e da sensibilidade que começa a brotar em muitos professores através dos diálogos que começam a ser construídos, partindo das novas experiências e do contato estabelecido com as discussões referentes à Lei 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais.

Queremos com este trabalho ressaltar que a literatura infantojuvenil proporciona um aprendizado diferenciado aos discentes ajudando na compreensão

sobre os aspectos multiculturais e de diversidade presentes na sala de aula e na sociedade brasileira.

Acreditamos ainda que o ensino da literatura afro-brasileira, tendo como base a relação da poesia em sala de aula, possa trazer reflexões que contribuam para discussões a respeito das crianças negras brasileiras para que a partir desse ponto eles reflitam e criem suas próprias conclusões.

O processo de desconstrução para uma educação antirracista busca uma integração respeitosa e mediada pelo trabalho do docente e o entendimento que a literatura tem um papel nessa prática, possibilitando um conhecimento que supera visões estereotipadas que atingem muitas crianças nas nossas salas de aula brasileiras.

Assim buscamos com esse trabalho propor de que forma o docente pode entrelaçar a literatura e o espaço escolar nas perspectivas de identificações da diversidade étnico-racial, considerando a urgência da erradicação de ações discriminatórias e na formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOWICZ, Anete; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da; RODRIGUES, Tatiane C. **A diversidade e a diferença na educação. Contemporânea.** São Carlos, jul- dez 2011, n. 2, p. 85-97. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/38/20>

ALCARAZ, Rita de Cássia Moser.; MARQUES, Eugênia Portela de Siqueira. A literatura infantojuvenil como possibilidade de afirmação da identidade negra. Revista da Anpoll nº 41, p. 50-63, Florianópolis, Jul./Dez. 2016.

ANTUNES, Celso. **A linguagem do afeto:** como ensinar virtudes e transmitir valores. Campinas, São Paulo: Papirus, 2005.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BERND, Zilá. **Introdução à Literatura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BELINKY, Tatiana. **Diversidade.** Ilustrações: Gilles Eduar 3ºed. São Paulo: FTD, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 3/2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004a. Disponível portal.mec.gov.br/ Acesso em: 28 dezembro. 2020.

CARDOSO, Rosimeire Darc .**Monteiro Lobato: entre o pedagógico e o estético**. São Paulo, 2007.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVALHO, Thaís Regina de; SILVA, Mariana Cesar Verçosa. **Literatura infantil, diversidade étnico-racial e representações das crianças**. REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED: educação, movimentos sociais e políticas governamentais. UFPR: Curitiba, Paraná, 2016.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil: história, teoria, análise**. 2. ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

_____. **A literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1.ed São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **O Conto de Fadas [livro eletrônico]: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2012. ePub

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1987.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global,2007.

COUTINHO, Afrânio. **Que é literatura e como ensiná-la. Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CRUZ, Mariléia dos Santos. **Uma abordagem sobre História da educação do negro**. In: Romão, Jeruse. (org.) História da Educação do Negro e outras Histórias. Brasília: SECAD,2005.

DIAS, Lucimar R. **Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo**. Revista Brasileira de Educação, 2012, v 17, nº 51, p 661-674.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Tradução Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

EMICIDA. **Amoras**; ilustrações: Aldo Fabrini.1º ed. São Paulo: Companhia das letrinhas,2018.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Representação de etnicidade: perspectiva interamericanas de literatura e cultura**. São Paulo: 7 letras, 2010.

FONSECA, Marcus Vinicius (Org.). **Relações étnico-raciais e Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

FONSECA, Ivonildes da Silva; SILVA, Verônica Pessoa; CHARGAS, Waldeci Ferreira (org.). **Estudos étnico-raciais na educação básica: reflexões de discentes**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019.

GIATTI, Yara. **No mundo do era uma vez...: uma análise psicanalítica dos contos de fadas**. Campinas, SP: UNICAMP - Faculdade de Educação, 2005.

GONDIM, Maristella M. Ribeiro; CUNHA, Maria A. Antunes; DIAS, Selma A. Passos Wanderley. **Linguagens e Códigos**. In: Livro de Estudo: Módulo IV/ Org. Mindé Badauy de Menezes e Wilsa Maria Ramos. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação à Distância, 2006. 116 p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 5).

LAJOLO, Marisa. A figura do negro em Monteiro Lobato. 1998. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2021.

_____.; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História e Histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MELO, Marilene Carlos do Vale (Org.). **Nos caminhos da literatura: Práticas literárias e Culturais**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

MORETTI, Cássia. **Contribuição dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil**. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2009.

PONTES, Eduarda Plácida de Souza. **A literatura infantojuvenil: construindo um novo olhar sobre a cultura étnico-racial na educação infantil**. In: FONSECA, Ivonildes da Silva; SILVA, Verônica Pessoa da; CHAGAS, Waldeci Ferreira. (orgs.). Estudos étnico-raciais na educação básica: reflexões de discentes. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019. p. 27-41.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual antirracista**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SILVA, Eduarda Plácida de Souza. **As relações étnico-raciais no cotidiano escolar**. In: FONSECA, Ivonildes da Silva; SILVA, Verônica Pessoa da; CHAGAS, Waldeci Ferreira. (orgs.). Estudos étnico-raciais na educação básica: reflexões de discentes. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019. p. 42-55.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2ªed. Goiânia, GO.: Cãnone Editorial, 2009.

SILVA, Aline Luiza Da. Trajetória da Literatura Infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. *In: Regrad: Revista Eletrônica De Graduação* / Fundação – Univem – Centro Universitário Eurípides De Marília. Vol. 2, N. 2. Marília - SP: Fundação – Univem, 2009.

SILVA, Petronilha B. G. e. **Diversidade étnico-racial e currículos escolares** – dilemas e possibilidades. Cadernos CEDES, Campinas, n. 32, p. 25-34, 1993.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações**. Porto Alegre: Rio Grande do Sul, 2007.

SOARES, Magna. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, Renata Junqueira(organizadora). **Leitura Literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.